



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS DA VIDA – UACV
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA

EVALDO TELES RODRIGUES

**LOUCURA E ESTIGMA: À LUZ DA OBRA DOM QUIXOTE DE LA
MANCHA**

CAJAZEIRAS – PB
2018

**LOUCURA E ESTIGMA: À LUZ DA OBRA DOM QUIXOTE DE LA
MANCHA**

EVALDO TELES RODRIGUES

**LOUCURA E ESTIGMA: À LUZ DA OBRA DOM QUIXOTE DE LA
MANCHA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação de Medicina da
Universidade Federal de Campina Grande
como pré-requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Medicina.

PROF. DRA. FRANCISCA BEZERRA DE OLIVEIRA

**CAJAZEIRAS – PB
2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764

Cajazeiras - Paraíba

R696l Rodrigues, Evaldo Teles.

Loucura e estigma à luz da obra Dom Quixote de La Mancha / Evaldo Teles Rodrigues. - Cajazeiras, 2018.

24f.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Bezerra de Oliveira.

Monografia (Bacharelado em Medicina) UFCG/CFP, 2018.

IVALDO TELES RODRIGUES

Loucura e Estigma: à luz da obra Dom Quixote de La Mancha

Aprovado em ___/___/___

Banca Examinadora:

**Presidente Prof^a. Dra. Francisca Bezerra de Oliveira
(Orientadora - UFCG)**

**Prof^o. José Ferreira Lima Júnior
(Membro examinador - UFCG)**

**Prof^a. Nívea Mabel de Medeiros
(Membro examinador – UFCG)**

**CAJAZEIRAS - PB
2018**

“Tem o infinito, tem o além, tem o além dos além. O além dos além é um transbordo.”

Estamira

À minha irmã, Rosalba Teles Rodrigues (in memoriam), motivo pelo qual a existência se tornou mais amena. As muitas razões de viver encontram paz no amor.

Dedico

Agradecimentos

À vida que me é dada todos os dias.

À minha família, centro e borda da vida.

À minha orientadora professora Dra. Francisca Bezerra de Oliveira, que com sensibilidade, esmero e competência conduziu este trabalho. Obrigado por compartilhar tanto da vida.

Às cidades de Cajazeiras e João Pessoa, que me ofereceram além da formação acadêmica, inestimáveis amigos, que são também parte da minha vida!

Aos professores José Ferreira Lima Júnior e Nívea Mabel de Medeiros, pela colaboração e disponibilidade em participar da banca examinadora deste trabalho. Agradeço as preciosas considerações e sugestões de aprimoramento.

Aos demais professores que contribuíram para a minha formação acadêmica e pessoal, bemcomo aos funcionários pelo trabalho e dedicação.

Aos meus colegas de turma, que ao longo de seis anos se tornaram amigos, dividindo medos, incertezas, sonhos e conquistas. Em especial, à James, Jani, Luana, Felipe e Dhiego.

Às bibliotecas pelas quais passei durante minha vida, que também me formaram enquanto ser humano, com as palavras dizíveis e as indizíveis.

Aos meus amigos, que compartilham o que há de melhor no mundo, a companhia gentil e a existência afável.

À UFCG, que me proporcionou a participação em programas de monitoria e projetos, contribuindo para o meu desenvolvimento profissional.

Por fim, a todos que embora não nomeados, se fizeram presentes em distintos momentos da minha vida, por seus apoios inestimáveis e por suas presenças inesquecíveis.

LOUCURA E ESTIGMA: À LUZ DA OBRA DOM QUIXOTE DE LA MANCHA

RESUMO

Introdução: As formas de compreender a loucura, ao longo da história, às vezes contraditórias, trouxeram contribuições escassas no tocante à loucura e a possibilidade do pleno viver a partir dessa experiência. É possível que a obra de Miguel de Cervantes possa contribuir para um outro modo de perceber e vivenciar essa experiência. **Metodologia:** Este trabalho configura-se como um ensaio teórico tendo como fio condutor as reflexões sobre a loucura na obra Dom Quixote de La Mancha, Cervantes (2012). Faz-se uma discussão sobre a loucura procurando estabelecer um diálogo ancorado nas ideias de Foucault (2014) e com o modelo mítico-religioso proposto por Pessotti (1994), de forma a contextualizar a visão da loucura e de normas de controle social, vigentes à época da produção da obra de Cervantes, objeto de análise. A partir dessa obra faz-se um contraponto com as noções de normal, patológico e estigma, na visão de Canguilhem (2010) e Goffman (1990). **Resultados e Discussão:** “Dom Quixote” viveu entre os séculos XVI e XVII, vítima de um mundo em transformação, marcado pela transição para a Idade Moderna. Tal período regulado por normas que resultaram em muitos aprisionados e rejeitados pela sociedade devido chocarem o mundo com suas ideias e atitudes, de forma a serem tolhidos em suas experiências, negando-se a possibilidade da existência do viver bem. Naquele tempo havia barcos que levavam os loucos de uma cidade para outra, e como errantes eles vagavam a esmos, sendo a loucura atribuída à obra do demônio. “Dom Quixote”, apesar da alienação que o acompanhou e do contexto histórico em que viveu, procurou fazer dessa experiência uma forma digna e plena de viver. **Considerações finais:** A discussão sobre a loucura a partir da obra Dom Quixote revela a experiência do diverso, perfazendo caminhos entre a razão e a desrazão, possibilitando enxergar positividade na loucura.

Palavras-chave: Loucura, Dom Quixote, Saúde Mental.

MADNESS AND STIGMA: UNDER THE LIGHT OF THE WORK "DOM QUIXOTE DE LA MANCHA"

ABSTRACT

The ways of perceiving madness throughout history have little contributed to the mental health field and to the possibility of enjoying the concept of welfare to its fullest. It's possible that the work of Miguel de Cervantes can contribute to another way of understanding and seeing this type of experience. **Methodology:** This paper is categorized as a theoretical study having the reflexions on madness in the work of Dom Quixote de La Mancha, Cervantes (2012) as its core. This study discusses the concept of madness based on the ideas of Foucault (2014) and on the mythical-religious model proposed by Pessotti (1994) and tries to find a way to contextualize the vision of madness and the norms of social control in the 1500s, when Cervantes' work, the core of the study, was produced. Based on that work, the norm and the concepts of pathological

and stigma are counterpointed with the ideas of Canguilhem (2010) e Goffman (1990). Results and discussion: Dom Quixote, Who lived between the XVI e XVII century, was a victim of a changing world, marked by the transitioning to the Middle Ages. At that time, society would dictate the fate of the mentally ill, mainly sending them to jails and banishing them from society due to the fact that they would have ideas and behaviors that, in most cases, used to shock and go against the norm, and therefore, having their freedom and possibility of experiencing welfare taken away from them. In the Middle Ages, they had ships that would take the mad ones to other cities and they'd walk around with no perspective, and would be judged by their errant ways, especially due to the fact that madness used to be associated with the devil. Dom Quixote, on the other hand, tried to make the most of his experience besides the historical context he was in. Conclusion: The discussion about madness in the work of Dom Quixote reveals the experience of the unknown, going through reasonable and unreasonable, making it possible to see positivity in the madness.

Keywords: Madness, Dom Quixote, Mental Health

1. INTRODUÇÃO

Por muitos anos a loucura e os loucos foram postos à margem da sociedade, longe do convívio dos ditos normais. Inicialmente, nas ruas junto com muitos outros relegados a segundo plano, eram incômodos. Posteriormente, direcionados aos manicômios, por um processo que pode ser também denominado de limpeza étnica, principalmente nas grandes cidades, tornaram-se invisíveis. Percebe-se que a forma desumanizadora que se lida com a loucura ultrapassa séculos, pois, se essa era a realidade de convívio com a sociedade relegada às pessoas com problemas mentais em tempos passados, ainda hoje vemos algumas dessas estruturas asilares distantes dos grandes centros e muito próximas de presídios e casas de correção.

A loucura enquanto desrazão, desconstrução da existência e como algo ameaçador tem sido construído e perpetuado por práticas discriminatórias. Na medida em que o louco é visto como um ser incapaz da razão e da verdade, é, por extensão, percebido como um ser fora de si, perigoso, para si e para os demais, sendo quase sempre excluído e estigmatizado socialmente. Portanto, as formas de lidar e compreender a loucura, ao longo da história da humanidade, às vezes contraditórias e simplificadoras, trouxeram contribuições escassas no que diz respeito à natureza humana, ao fenômeno da loucura, e a possibilidade do pleno viver a partir dessa experiência.

Jodelet (1989) reforça essas ideias, a partir de um estudo realizado em uma instituição psiquiátrica aberta, cujos pacientes viviam em liberdade numa comunidade rural francesa em que os habitantes se encarregavam do acolhimento, hospedagem, manutenção e cuidados dos doentes mentais. Neste estudo, a autora verificou que a loucura provocava nos membros da família acolhedora sentimento de medo e fragilidade, face ao que implicitamente suposto ser o louco considerado um “outro” diferente e imprevisível. A convivência com os doentes representava, portanto, um verdadeiro perigo para a identidade coletiva.

É preciso maior abertura teórica para que possamos pensar um outro *locus* para a loucura, os saberes e as práticas em saúde mental. Há necessidade da produção de um conhecimento complexo que se funde na superação da distinção ente razão e loucura, ciência e virtude, existência e sofrimento, ficção e realidade, objetividade e subjetividade.

Dessa forma, uma obra de ficção como Dom Quixote de Miguel de Cervantes, objeto deste estudo, pode favorecer essa abertura teórica e proporcionar um debate instigante, que seja possível ver positividade na experiência da loucura e favoreça a produção de práticas agenciadoras de experiências subjetivas. Ficção e realidade estão intimamente relacionadas. A literatura é uma fonte de pesquisa que embora não tenha uma sistematização teórica e/ou metodológica e não seja considerada um “conhecimento científico” pode contribuir para a compreensão das relações afetivas e sócio culturais.

Por fim, este ensaio teórico intenta refletir sobre a loucura, tendo como fio condutor a obra de Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes. Faz-se uma contextualização histórica da obra, destacando-se as principais personagens. Logo em seguida, procura-se discutir o real sentido da loucura, de normal e patológico e do estigma, vislumbrando a necessidade de se pensar outras possibilidades para a loucura, percebendo-a como um fenômeno complexo e multidimensional.

2. CONFIGURAÇÃO DO ESTUDO E O DIÁLOGO COM AUTORES

Este trabalho configura-se como um ensaio teórico tendo fio condutor as reflexões sobre a loucura na obra de Dom Quixote de La Mancha, Cervantes (2012). Neste tópico, inicialmente faz-se uma discussão sobre a loucura procurando estabelecer um diálogo ancorado nas ideias de Foucault (2014) e com o modelo mítico-religioso proposto por Pessotti (1994), de forma a contextualizar a visão da loucura e de normas

de controle social, vigentes à época da produção da obra de Cervantes, objeto de análise. A partir dessa obra faz-se um contraponto com as noções de normal, patológico e estigma, na visão de Canguilhem (2010) e Goffman (1990).

2.1 ASPECTOS CONCEITUAIS SOBRE A LOUCURA – MODELO MÍTICO - RELIGIOSO E A NAU DE LOUCOS

Na Grécia, o estar louco era uma espécie de talento, uma vez que o acesso ao divino ou divinatório (*mantikê*) ocorria através do delírio (*manikê*). Originalmente, as palavras divinatório e delirante eram designadas por uma mesma palavra, em grego, ao longo do tempo seus significados se **imiscuíram**, se homogeneizaram. Pelbart, em a Clausura do Fora, chega à conclusão de que para os gregos é preferível o delírio que vem de um deus do que o bom senso humano (PELBART, 1989).

Ainda relatando o modo de entendimento da loucura, o labirinto (símbolo do logos) encomendado por Minos para encerrar o Minotauro (símbolo da desrazão), foi onde o mortal Teseu venceu a luta contra o Minotauro e, de lá consegue sair com a ajuda de Ariane, o fio de Ariadne (pensamento) o salva da loucura. Teseu, por sua vez se perde em excessos e abandona Ariadne. “A conclusão se impõe por si: não há contradição entre Labirinto e Minotauro, Apolo e Dionísio, palavra e desrazão, pensamento e excesso, sabedoria e delírio, *logos* e *mania*. O que não significa que entre eles haja, ao revés, simples identidade, ou mesmo continuidade” (PELBART, p.31, 1989).

Olhar para esse passado de representação remota da loucura nos faz pensar que, o seu entendimento depende intrinsecamente do momento histórico em que ela está situada. Nesse artigo dialogamos com Pessotti (1994) sobre o modelo Mítico-Religioso de representação da loucura e com Foucault (2014), autores importantes na contextualização e compreensão do fenômeno da loucura, para que possamos adentrar à obra de Dom Quixote de La Mancha de Cervantes.

Como nos faz ver Pessotti (1994), o Modelo Mítico-Religioso é representado principalmente nos poemas de Homero, onde há relatos de bebidas que se destinam ao esquecimento; além de quadros de melancolia e mania, quadros de insensatez que ocorrem por intervenções dos deuses (etiologia teológica da loucura), onde a cura se dava quando a personagem deixava de querer ser maior ou mais poderoso que os deuses

e quando, por fim, se reintegrava ao modelo social normativo, do qual era transgressora. Os cuidados com os loucos dessa época eram reservados à família, e em quadros mais graves, eram acorrentados. Nesse modelo a entidade mitológica tem papel crucial nas manifestações clínicas desses pacientes.

Fica explícito que na obra de Homero a loucura é um estado de desrazão, de insensatez e de perda de controle consciente sobre si mesmo. A origem da loucura é de natureza mitológica, é obra de Zeus, está no plano da divindade. A loucura pode ser geradora de agressão, de transgressão das normas sociais, podendo levar ao homicídio e à perda da vida (PESSOTTI, 1994).

Sendo assim, os poemas de Homero, mais especificamente a *Iliada*, século VIII, a. C, caracterizam um modelo teórico mitológico que teve/tem reflexos importantes, nas diferentes épocas da psicopatologia. “Os heróis homéricos não enlouquecem, são tornados loucos, por decisões da divindade, embora as manifestações e consequências da loucura se passem no plano das realidades física e social” (PESSOTTI, 1994, p. 21).

Esse modelo volta a ter papel central no cotidiano das pessoas no final da Idade Média (séculos XV e XVI), sobretudo por influência das obras de Santo Agostinho e Tomás de Aquino. Aqui, a loucura é mantida livre, a caridade do povo “esmolos” é que trata o louco. É algo de que você não pode escapar, pois faz parte dos propósitos de Deus, assim como ser pobre. Ainda nesse contexto, a crise do feudalismo abarrotava as cidades de mendigos e, estes juntos aos loucos e mutilados da Igreja passam a apresentar ameaças de surtos de violência e criminalidade. “Dessa forma, os leprosários são ocupados também por mendigos, portadores de doenças sexuais, loucos e mutilados. Esses espaços passaram a ser divididos por esses seres excluídos da sociedade por cerca de cento e cinquenta anos (FOUCAULT, 2014).

Assim, na Idade Média, em que se consolidava o poder do cristianismo, as divindades pagãs passam a ser demônios e cultuá-las é adorar o demônio. A loucura era percebida como expressão das forças da natureza, como algo não humano, existindo sentimentos ambivalentes de terror e exaltação por algo que inspirava receio: **o insano**. Predominava a ideia de que as pessoas que apresentavam comportamento divergente da maioria da sociedade estavam possuídas pelo demônio. Para Pessotti (1994) a ideia central é a de quem apresenta formas de comportamento, aberrante, divergente ou

indecente, quem faz ou diz coisas raras, estranhas ou imorais age por meio do diabo, sendo possuído por ele.

Para este autor, na Idade Média as formas de loucura que implicam quase sempre o delírio, assim como a mania e a melancolia, eram decorrentes de ação direta do demônio ou de qualquer bruxa. A causa da loucura enquanto mero delírio ou enquanto descontrole emocional é obra do demônio por iniciativa própria ou por solicitação de alguma bruxa. No primeiro caso (o diabo um ou mais), aloja-se no corpo da pessoa, especificamente na cabeça. No segundo, o demônio acompanha a pessoa e altera a suas percepções, emoções, interesse sexual, etc. A terapia indicada para a loucura demoníaca era os jejuns, as orações, a frequência as igrejas, bem como o exorcismo realizado por um sacerdote preparado para tal ação.

Vale destacar que no século XV, as cidades escorraçavam os loucos (os de origem estrangeira), deixando-os correrem pelos campos distantes, quando não eram confiados a grupos de mercadores e peregrinos. Havia barcos que levavam os insanos de uma cidade para outra, e como errantes eles vagavam de cidade em cidade. Frequentemente as cidades da Europa viam essas naus de loucos atracarem em seus portos. Alguns loucos eram protegidos pelas suas famílias, outros eram acorrentados, e/ou exorcizados (FOUCAULT, 2014).

Sendo assim,

Confiar o louco aos marinheiros é com certeza evitar que ele ficasse vagando indefinidamente entre os muros da cidade, é ter a certeza de que ele irá para longe, é torna-lo prisioneiro de sua própria partida. [...] Além do mais, a navegação entrega o homem à incerteza da sorte: nela, cada um é confiado a seu próprio destino, todo embarque é, potencialmente, o último. É para o outro mundo que parte o louco em sua barca louca; é do outro mundo que ele chega quando desembarca (FOUCAULT, 2014, p. 12).

As naus de loucos simbolizam toda uma inquietude surgida no horizonte da cultura europeia, por volta do final da Idade Média. “Loucura e o louco tornaram-se personagens maiores em sua ambiguidade: ameaça e irrisão vertiginoso desatino do mundo e medíocre ridículo dos homens” (FOUCAULT, 2014, p. 14).

É nesse contexto histórico, do século XV e XVI, em que o imaginário social sobre a loucura estava impregnado pela ideia de que o louco enquanto uma existência

errante, era estranho, e como tal devia ser excluído da cidade ou submetido as normas de controle social imposta pela Igreja e principalmente pela sociedade da época, onde está situada a obra de Dom Quixote de La Mancha de Cervantes. Esta obra será objeto de análise no próximo tópico.

3. A OBRA DOM QUIXOTE DE LA MANCHA

“-A liberdade, Sancho, é um dos dons mais preciosos que aos homens deram os céus: não se lhe podem igualar os tesouros que há na terra nem os que o mar encobre; pela liberdade, da mesma forma que a honra, se deve arriscar a vida”.

(Cervantes)

3.1 CERVANTES E O CONTEXTO HISTÓRICO ESPANHOL

O século XVI foi inaugurado por diversos movimentos, entre eles o Renascimento, o protestantismo, os descobrimentos, a formação dos Estados Nacionais, ao mesmo tempo, esses fenômenos são todos medievais, e os monarcas da época tinham como objetivo a centralização política (FRANCO JÚNIOR, 1992). Mesmo com essa mentalidade medieval, esperava-se um modelo de sociedade diferente. Permanecia, no entanto, a perseguição aos cristãos novos, principalmente, por instituições de poder como a Igreja, essa assim denominada Inquisição se arrastaria até o século XIX.

Na Espanha, como na Europa toda, essa política apenas justificava a tomada de bens e a proibição dos mesmos de participarem de corporações profissionais através dos estatutos de pureza de sangue, resolvendo problemas de ordem social de forma mais truculenta do que na própria Idade Média, não só contra os judeus, mas protestantes, homossexuais, intelectuais e “bruxas”. Assolados pela peste, por guerras e perseguições religiosas, a sociedade espanhola estava com sua população diminuída, numa época em que a estimativa média de vida chegava aproximadamente aos 35 anos, Cervantes chega a viver quase 70 anos. Os espanhóis partiram nessa mesma época para a América, em busca de territórios e no intuito de “civilizar” os povos ameríndios, assolando regiões onde havia minérios, dizimando povos, extirpando suas culturas.(PORTUGAL, 2009)

Miguel de Cervantes (1547-1616), nasceu em Alcalá de Henares, Espanha. Filho do cirurgião, Rodrigo Fernandes e de Leonor Cortinas. O quarto de sete filhos. Miguel muda-se para Madri aos 19 anos e começa a estudar em Salamanca aos 22 anos, na

mesma época muda-se para a Itália, tendo combatido contra os turcos na batalha de Lepanto. Foi mantido prisioneiro por cinco anos pelos turcos ao regressar da Itália, mesmo período em que começou a escrever suas comédias. Tendo seu pai falecido e lhe deixado a incumbência de tomar conta de seus irmãos, Miguel passou a trabalhar como escrivão na corte (RODRIGUÉZ, 2005).

3.2 SOBRE A OBRA E CARACTERIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS PRSONAGENS

A obra Dom Quixote de La Mancha, começou a ser escrita por Cervantes em 1580, na prisão, onde permaneceu trancafiado por cinco anos, por supostas dívidas ao rei, lá mesmo recebe de autor por pseudônimo Alonso Fernandez o que seria a segunda parte de seu livro. Dessa forma, apressa-se em escrever a continuação do livro que viria a ser publicada em 1615, bem próximo à data de sua morte, 22 de abril de 1616. Essa obra está dividida em primeiro e segundo livros, publicados respectivamente em 1605 e 1615. **Depois da Bíblia, é o livro mais traduzido e lido em todo o mundo** (RODRIGUÉZ, 2005).

O Cavaleiro da Triste Figura, Dom Quixote de La Mancha ou Alonso Quijano, nome verdadeiro da personagem principal dessa obra, é movido pela necessidade de justiça, maior sentido de sua vida, e pelas próprias virtudes que tem. Sai a travar batalhas pelas terras de La Mancha à Catalunha na Espanha, junto com seu escudeiro, Sancho, seu companheiro destituído de instrução e arrazoado: com ovelhas que mais lhe parecem um exército de inimigos, a libertar prisioneiros das mãos de soldados da corte, a arremeter-se contra odres de vinho e moinhos de vento como se os mesmos fossem inimigos, idealizando a musa Dulcineia (Aldonza Lorenzo). Nesse ínterim, surgem as relações da sociedade da época, que unidas às relações familiares agem como forças coercitivas, a sobrinha e a ama, com quem vive a personagem, tramam planos de aprisioná-lo em casa, de impor uma insanidade, e o fazem, juntamente com outras figuras representativas do vilarejo (CERVANTES, 2012).

A personagem principal é um homem que vive entre os séculos XVI e XVII, portanto, vítima de um mundo em transformação, marcado pela transição para a Idade Moderna, no fim do século XV, pelo que pode ser designada de Ciência Moderna. Tal ciência reguladora de normas que resultaram em muitos aprisionados, mortos, torturados, afastados e rejeitados pela sociedade pelo fato de chocarem o mundo com

suas ideias e atitudes, de forma a serem tolhidos em suas experiências sociais, negando-se a possibilidade da existência digna e plena do bem viver, como ele fazia.

“Só para mim nasceu Dom Quixote, e eu para ele; ele soube atuar e eu escrever, só nós dois somos um para o outro, a despeito e pesar do escritor fingido e tordesilhesco que se atreveu ou se atreverá a escrever com pena de avestruz grosseira e mal delineada as façanhas do meu valoroso cavaleiro...” (CERVANTES, 2012, p.847-848).

Dom Quixote: o “fidalgo” é um senhor de meia idade, tinha em torno de cinquenta anos, leitor de romances vários e novelas de cavalaria, em especial. Um ser considerado franzino, enxuto de rosto, grande madrugador e amigo de caça. Vale ressaltar que esse tal fidalgo, nas horas em que estava ocioso (que eram as mais do ano) se dava a ler livros de cavalarias com tanto empenho e gosto que esqueceu quase por completo o exercício da caça e até da administração da sua fazenda; e a tal ponto chegou sua curiosidade e seu desatino, que vendeu muitos alqueires de terra de semeadura para comprar livros de cavalaria que ler, e assim levou para casa tantos quanto do gênero pôde conseguir (CERVANTES, 2012, p.57-58)

Roncinante: “Logo foi ver o seu rocim e, bem que tivesse mais quartos que um real e mais tachas que o cavalo de Gonela, que “tantum pellis et ossa fuit”, pareceu-lhe que nem o Bucéfalo de Alexandre, nem Babieca, o de El Cid, a ele se igualavam... e assim, depois de muitos nomes que formou, apagou e riscou, acrescentou, desfez e tornou a fazer em sua memória e imaginação, veio por fim a chamá-lo “Roncinante”, nome, a seu parecer, alto, sonoro e significativo do que havia sido quando rocim, antes do que era agora, o antepimeiro de quantos rocins há no mundo.” (CERVANTES, 2012, p.61).

Dulcineia: “E aconteceu, ou assim se acredita, que num lugarejo próximo do seu havia uma moça lavradora de muito bom parecer, de quem ele andara enamorado algum tempo (ainda que, segundo se entende, ela nunca o tivesse sabido nem suspeitado). Chamava-se Aldonza Lorenzo, e a ela houve ele por bem dar o título de senhora dos seus pensamentos; e procurando-lhe um nome que não destoasse muito do seu e que soasse e tendesse ao de princesa e grande senhora, veio a chamá-la “Dulcineia d’El Toboso: nome, a seu parecer, músico, peregrino e significativo, como todos os outros que a si e às suas coisas tinha dado” (CERVANTES, 2012, p.62).

Sancho: “Nesse tempo chamou D. Quixote um lavrador seu vizinho, homem de bem (se é que esse título se pode dar a quem é pobre), mas com pouco sal na moleira. Enfim, tantas lhe disse, tanto porfiou e lhe prometeu, que o pobre vilão determinou de sair com ele e lhe servir de escudeiro. Disse-lhe D. Quixote, entre outras coisas, que podia ir com ele de bom grado, pois alguma vez podia acontecer-lhe uma aventura que ganhasse, do pé para a mão, alguma ínsula e o deixasse por governador dela. Com essas promessas e outras que tais, Sancho Pança, que assim se chamava o lavrador, deixou mulher e filhos e se assentou como escudeiro do seu vizinho” (CERVANTES, 2012, p. 116).

3.3 DOM QUIXOTE: LOUCURA, PATOLOGIA, ESTIGMA

Dom Quixote alucinava-se e alienava-se desse mundo, tentando fazer dele uma possibilidade concreta de dignidade. Os moinhos de vento fazem o papel cíclico/reversível da loucura ou insanidade a que estava exposto o cavaleiro, que buscava a constante prática da humanidade em seu existir no mundo “E assim, se tudo gira, o louco pode ser normal e voltar a ser louco, o normal pode enlouquecer” (LLERA, 2012).

O enlouquecimento do cavaleiro é feito através do estado de mimese, oscilando, de acordo com a leitura de um romance (ÁLVAREZ,2006). Pode-se notar, por exemplo, que Alonso Quijano surge em diversos momentos da vida de Dom Quixote. A personagem faz, portanto, uma passagem pela loucura, utiliza-a com meio de sobrevivência às mazelas que seu mundo o oferece (DREYFUS; WRATHALL, 2006). Nas palavras de Dom Diego,

“-Não sei o que te diga, filho – respondeu D. Diego. – Só te saberei dizer que o vi fazer coisas dignas do maior louco do mundo e dizer razões tão discretas que apagam e desfazem os seus feitos. Fala tu com ele e toma-lhe o pulso daquilo que sabe, e, como és discreto, julga da sua discrição ou sandice o que mais posto em razão estiver, ainda que, a bem da verdade, eu antes o tenha por louco do que por são.” (CERVANTES, 2012, p.229).

Ao ser interrogado por seu pai, sobre o que havia achado das sandices e razões do cavaleiro, D. Lorenzo afirma: “-Não o tirarão do rascunho da sua loucura quantos médicos e bons escreventes há no mundo: ele é um louco entressachado, cheio de lúcidos intervalos” (CERVANTES, 2012, p.232).

Pode-se afirmar que a experiência do ser vivo inclui a doença, portanto, o patológico é uma forma de viver também dentro da norma, pois não há vida sem normas. O estado de doença se dá quando o sujeito não consegue instituir outras normas diferentes em outros aspectos, ou seja, um status fisiológico que dê vazão à uma outra forma de vida. Já o estado de saúde ultrapassa a norma e institui diferentes normas para novas situações. E a cura, não é necessariamente saúde (CANGUILHEM, 2010).

O próprio Código Internacional de Doenças - CID-10 e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM evoluem nesse sentido, categorizações antes consideradas patologias por essas bibliografias, vêm sendo continuamente retiradas e/ou reformuladas em seus sentidos. Normal, deriva do *nomos* grego e do *norma* latino (lei). Surgido na Grécia Antiga, voltou a ser usado com o Movimento da Revolução Francesa, com a ordem econômica capitalista e, adotada também pela medicina, a postura normativa transformou em autômato o indivíduo humano. Com a descoberta dos erros inatos do metabolismo, as enzimas e a genética passaram a ser um recurso que elevava o padrão da normalidade, com a seleção de genes, que seriam chamados mais promissores. (CANGUILHEM, 2010). Essa prática organicista foi inserida em todas as áreas da Medicina, com a Psiquiatria, **essa estrutura marca mais uma vez a desolação e a despersonalização dos sujeitos desacreditados, desacreditáveis, estigmatizados, anormais, inadequados e tantos outros como a personagem em questão.**

O termo estigma, originalmente do grego (*στιγμα*), vem sendo usado em nossa sociedade desde a década de 1960 do século XX, introduzido por (GOFFMAN, 1990). O autor infere que esta palavra é um atributo depreciativo e que tem a sociedade como seu processo de formação, dando-se, por sua vez, em três circunstâncias: abominações do corpo, culpas de caráter individual e estigmas tribais de raça, nação e religião. Ainda de acordo com o estereótipo, o autor o caracteriza em dois grupos: o desacreditado e o desacreditável. **Os normais elaboram uma teoria do estigma e ratificam sua superioridade, afim de ter o controle/poder sobre o que o outro/diferente/anormal representa.**

Tanto em Foucault (2014) com suas reflexões sobre o conflito entre loucura como desrazão e os princípios da ciência moderna, quanto em Goffman (1990) com suas pesquisas sobre instituições psiquiátricas e estigma, fica evidente que a loucura como algo ameaçador tem sido construído e perpetuado por práticas discriminatórias. A

loucura ao ser apropriada pela medicina passando a significar “alienação” – algo estranho à razão, erro, estado de contradição da alma, distúrbios das paixões humanas -, impossibilitou o “alienado” de estabelecer pactos sociais, de exercer liberdade de escolha, de tal modo que não sendo livre, este não poderia ser considerado cidadão. Na medida em que o louco é visto como um sujeito incapaz da razão e da verdade, é, por extensão, percebido como perigoso, para si e para os demais.

Mesmo a Grande Internação abordada por (Foucault, 2014), que simula uma limpeza social nas grandes cidades entre os séculos XVII e XX, e a posterior desospitalização são movimentos que sucedem essa obra, portanto, em contextos históricos diferentes. O que não é diverso, no entanto, são as formas como os sujeitos são retirados/banidos do convívio social, justificando-se o adoecer e a medicalização do mundo através das mazelas, muitas vezes impostas, a que estão sujeitos todos os inadequados ao seu tempo, a exemplo de tantas personagens importantes descritas por (GUIMARÃES ROSA, 1994; MACHADO DE ASSIS, 1988, 1997).

Inadequados, banidos e suicidados pela sociedade como Vincent Van Gogh, em sua expressão, em sua existência, como bem relata Artaud:

“Pois não é para este mundo, nunca é para esta terra onde todos, desde sempre, trabalhamos, lutamos, uivando de horror, de fome, miséria, ódio, escândalo e nojo e onde fomos todos envenenados, embora com tudo isso tenhamos sido enfeitiçados e finalmente nos suicidamos como se não fôssemos todos, como o pobre Van Gogh, suicidados pela sociedade!” (ARTAUD, 2003,p. 32)

Na relação entre loucura e sanidade, ou do que é normal ou patológico, Canguilhem (2010) destaca que a característica da doença consiste em uma redução da margem de tolerância às infidelidades do meio. Dessa forma, esse mundo ou essa existência infiel onde Quixote está inserido, encontra em nossa personagem a relutância em fazer-se totalmente possuído por ela, a homogeneidade exigida pela loucura para se manter evidente, é intermitentemente sustada pela consciência do mundo que o cerca. **Quixote, portanto, existe e transcende a existência, ou seja, projeta-se para além de si mesmo porque tem a consciência da possibilidade de ser no mundo.** Como pontua muito sabiamente Jaspers,

“a capacidade de escolha do homem, entendida não somente como capacidade de escolha própria da arbitrariedade da existência empírica, mas como capacidade de decisão cuja necessidade eu sou eu mesmo, constitui a existência possível” (JASPERS, 1968, p. 114)

“-A diferença que há entre esses dois loucos está em que aquele que o é por força o será sempre, e aquele que o é de grado o deixará de ser quando quiser” (CERVANTES, 2012, p.197). O Cavaleiro da Triste Figura, portanto, **imerge na loucura, faz dela sua existência possível e, nessa relação com seu oposto, Sancho, representando o senso-comum, maneja sua vida entre esses “dois mundos”** (KOPP, 1972).

A sanidade “retorna” à Dom Quixote em seu leito de morte, quando o mesmo volta a ser Alonso Quijano.

“-Senhores - disse D. Quixote-, vamo-nos pouco a pouco, pois já nos ninhos de outrora não há pássaros agora. Eu fui louco e já sou são, fui D. Quixote de La Mancha e sou agora, como disse, Alonso Quijano o Bom. Que o meu arrependimento e a minha verdade possam com vossas mercês tornar-me à estimação que de mim se tinha, e prossiga adiante o senhor escrivão” (CERVANTES, 2012, p.845).

Quixote foi escrito numa época em que a idade já se achegava à Cervantes e, sua forma de lidar com a velhice e com os percalços, solidão e isolamento que essa poderia lhe trazer foi, portanto, livrando-se das ansiedades que o ócio lhe traria. **A loucura tem um papel central na vida da personagem, ela o afasta de uma existência absorta em si mesmo.** É dessa forma que o pensamento alucinatório de Dom o afasta dos males que a própria existência o faria (BEÁ; HERNANDEZ, 1984).

No livro “A Terceira Margem do Rio”, Guimarães Rosa (1994) descreve um homem em sua meia idade que resolve encomendar uma canoa de apenas um lugar, abandona a família, trabalho e amigos e passa a viver sozinho no rio, iniciando uma travessia de autoconhecimento e sem ilusões. Da mesma forma que em Dom Quixote, a personagem de Guimarães é estigmatizada por suas escolhas.

“Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai, a razão em que não queriam falar: doideira...Sem fazer véspera. Sou doído? Não. Na nossa casa, a palavra doído não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se

condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos...” (ROSA, 1994, p. 409-413).

A loucura e a dignidade são também as personagens deste texto, poisé através delas que ele se desenvolve e se justifica. A luta pela justiça social e a busca pela expressão da humanidade revelam esse “humanismo quixótico” na personagem, no que ele acredita que seja a verdade (FROGETT; KAUFMANN, 2002). A atualidade das questões postas a partir dessa obra histórica encontra-se como debates relacionados à saúde mental, a pós-reforma e a busca pelo afeto na sociedade contemporânea, quetambém compõem esse trabalho ao trazer à tona questões objetiva e subjetivamente pertinentes às necessidades dos seres humanos: a compreensão de si no mundo, as relações sociais e a liberdade.

Erasmus de Rotterdam (1469-1536), em O Elogio da Loucura, escrito em 1509, apresenta a deusa Moria, personificação mitológica da loucura, que monologa com os leitores a orientação sobre as boas ações humanas, ou seja, do que está presente nos seres humanos e que, portanto, mantém um relacionamento intrínseco conosco.

“dizei-me por obséquio: um homem que odeia a si mesmo, poderá, acaso, amar alguém? Um homem que discorda de si mesmo poderá, acaso concordar com outro? Será capaz de inspirar alegrias aos outros que tem em si mesmo a aflição e o tédio? Só um louco, mais louco ainda que a própria Loucura, admitireis que possa sustentar a afirmativa de tal opinião. Ora, se me excluirdes da sociedade, não só o homem se tornará intolerável ao homem, como também, toda vez que olhar para dentro de si, não poderá deixar de experimentar o desgosto de ser o que é, de se achar aos próprios olhos imundo e disforme, e, por conseguinte, de odiar a si mesmo”(ROTTERDAM,2002, p. 16).

A loucura na obra de Erasmo de Rotterdam como também de Miguel de Cervantes não está ligada ao mundo e às suas formas subterrâneas, mas ao homem com suas paixões, contradições, fraquezas, fantasias e seus sonhos. A loucura é um sutil relacionamento que o homem mantém consigo mesmo. Esse novo conceito diverge da ideia de desarranjo de humores formulada na Idade Antiga, como também da concepção da loucura como um conjunto de manifestações demoníacas, oriunda da Idade Média.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a loucura e a as intempéries advindas dela ainda é pensar em um modelo de exclusão social, de desnudamento da individualidade, conseqüentemente da existência. Para Quixote, assim como para muitos ditos insanos, que escolheram vagar

entre a ficção e a realidade, entre o real e o irreal, essa liberdade foi “tomada”, o medo do outro transformou a experiência dos incomuns no aprisionamento e na mutilação de subjetividades e vidas que assistimos por centenas de anos.

Estar com saúde (*health* em inglês, que deriva de *hale-* inteiro), é estar inteiro, sentir-se completo. Essa asserção tem o mesmo sentido para as diversas áreas da saúde, não poderia ser diferente na Saúde Mental, onde o sentimento de pertencimento a um tempo, a uma época, a um espaço, a um grupo e, principalmente, o de apropriação a si mesmo são valores que determinam a plenitude de um sujeito, seu estar no mundo e sua relação com o mesmo.

Experienciar a vida de uma forma plena é, também, poder ser/existir no mundo sem ser subjetivado. Essa oportunidade é um direito de todos, a expressão máxima do pertencimento ao tempo em que se vive e do que se deseja experienciar. É assim que a personagem em discussão resolve por si, pelo seu bem, a melhor maneira de estar na vida. Quixote dá vida à Alonso Quijano, que torna-se repleto, portanto, redentor de si próprio, livre da patologização a qual exasperadamente tentavam impor sobre seu ser.

Alonso Quijano, o Cavaleiro da Triste Figura, estrangeiro de si mesmo, alheio ao mundo que não considera como seu, permanece o mesmo durante o tempo da obra, a vida afetiva de ambos se encarrega de dar tons característicos aos momentos vivenciados pela personagem. O afeto, em suas diversas nuances, é uma forma de apoio na vida, sem o qual se torna árduo suportar o dia a dia e os desmontes que a vida também traz. Não passar por cima da dor, não renegar uma experiência difícil é ter saúde, é saber se colocar através dela e vivenciar o momento crítico, o mesmo que gera outras experiências que contribuem com a formação do mundo psíquico dos sujeitos.

A obra Dom Quixote de La Mancha, de Cervantes válida, (re)cria a vida. Falar sobre uma obra de dimensão social e histórica tão singular, enfocando a questão da saúde mental não deixa de ser algo complexo, multidimensional. Portanto, estes autores não têm e não poderiam ter a pretensão de encerrar um debate e/ou de falar apenas verdades sobre esses temas, mas buscaramprofundá-los, sabendo inclusive que essa visão é parcial, diante do que já foi exposto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARTAUD, A. **Van Gogh: o Suicida da Sociedade**. Cidade: Rio de Janeiro, 2003.
- ASSIS, M de. **O Alienista**. São Paulo: Moderna. 1988.
- _____. **Quincas Borba**. São Paulo: Ática, 1997.
- BEÁ, J. & HERNÁNDEZ, V. (1984). Don Quixote: Freud and Cervantes. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 65. (Pt 2). 141-153.
- CANGUILHEM, GEORGES. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- CERVANTES, MIGUEL. **O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha**. Livros 1 e 2. SP: Editora 34. 2012.
- DREYFUS, H. L, & WRATHALL, M. A. **A Companion to Phenomenology and Existencialism**. Malden, MA: Blackwell Pub, 2006.
- FOUCAULT, M. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva. 2014.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FROGGETT, L.; KAUFMAN, W. Quixotic Humanism. *Free Associations*, 9(2), 2002.– uma vivência atribulada: análise de Dom Quixote.
- GOFFMAN, ERVING. **Estigma**. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Cidade: São Paulo. Editora Gen/LTC, 1988.
- JASPERS, K. **La fe filosófica ante La revelación**, Madrid: Editorial Gredos, 1968.
- JODELET, D. **Folies et representations sociales**. Paris: PUF. (Trad. Inglesa 1991). *Madness and social representations*. Berkeley/Los Angeles, University of California Press, 1989.
- KOPP, S. B. **If you meet the Buddha on the road, kill him: the pilgrimage of psychotherapy patients**. New York: Bantam Books, 1972.
- LLERA, J. A. **Los Rostros de La Locura**. Cervantes, Goya, Wiseman. Madrid: Abada Editores, 2012.
- PELBART, P. P. **Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura: Loucura e Desrazão**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- PÉREZ-ÁLVAREZ, M (2006). The Psychology of Don Quixote. *Psychology in Spain*, v.10, p. 17-27, 2006.
- PESSOTI, I. **A Loucura e as Épocas**. 2.ed. Rio de Janeiro:34, 1994.

PORTUGAL, A. R. **O ayllu andino nas crônicas quinhentistas** [online]. São Paulo: UNESP/Cultura Acadêmica, 2009.

RODRIGUEZ, R. V. **Dom Quixote: Aspectos Estratégicos, Antropológicos e Culturais**. Cidade: Editora,2005.

ROSA, J. G. **A terceira margem do rio**. In: Ficção Completa – primeiras histórias. v. 1. Rio de Janeiro: Novo Aguilar, 1994. p. 409-413.

ROTTERDAM, E. **O Elogio da Loucura**. Cidade: Paraná.Atena Editora,2002. (ebook)